

BRANDÃO, Zaia. **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo, Cortez, 2010.

Resenhado por Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins

Brandão é doutora em educação pela PUC-RJ e professora de Educação Brasileira e Questões Atuais da Educação no programa de Pós-graduação do Departamento de Educação da PUC-RJ. A pesquisadora vem desenvolvendo vários projetos que refletem a educação hoje. Em conjunto com Alicia Belarmino, desenvolve uma reflexão na área de currículo sobre a identidade do campo educacional, a partir do estudo da história das disciplinas. Atualmente, ela investiga a sociologia da educação no Brasil.

A obra a ser resenhada contém uma coletânea de textos que serviram de base para o seminário “A crise dos paradigmas e a educação”, promovido pelo Departamento de Educação da PUC-RJ no ano de 1993. Brandão reúne textos de especialistas das áreas de ciências humanas, que procuram focalizar o debate sobre a crise dos paradigmas no campo da educação

Marcondes, com o texto A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade, procura situar o leitor sobre as possíveis definições de paradigmas. Ele estabelece as diferenças paradigmáticas relacionando a teoria platônica (clássica) com a teoria de Kuhn (contemporânea). Segundo Marcondes, uma crise de paradigmas acontece como uma mudança de modelos ou de padrões que anteriormente serviam como explicação ou visão de mundo. As mudanças mais significativas são chamadas “revoluções científicas”. O esgotamento de modelos tradicionais resulta no desenvolvimento de novos modelos teóricos e metodológicos, que, muitas vezes, provocam mudanças significativas no campo do conhecimento científico.

Para o pesquisador, os séculos XVI e XVII se caracterizaram como um período de mudanças significativas de crise de paradigmas, chamado revolução científica que contribuiu para o surgimento do pensamento da modernidade. Essa crise se revela como um período

Recebido em: abril/2012 – Aceito em: maio/2012

* Licenciada em Geografia; especialista em Psicopedagogia; Mestre em educação e doutora em Geografia. Professora adjunta do departamento de Geografia da Universidade do estado de Santa Catarina – FAED/UEDESC. E-mail: rosa.martins@udesc.br.

de transição das teorias tradicionais para uma nova teoria científica. Essa nova ciência, busca na razão subjetiva, uma nova concepção de conhecimento, que terá como ponto de partida a busca do sujeito pensante e a dominação deste sobre o objeto.

A ruptura do paradigma subjetivista, baseado na razão iluminista, acontece devido ao seu grau de distanciamento entre o sujeito e a realidade, pois pressupõe um conhecimento científico fundamentado na experiência individual.

Segundo Marcondes, Marx traz uma posição contrária à racionalista e iluminista, pois segundo ele, “a liberação do homem só será possível na medida em que se transformar a própria sociedade” (p. 27). Segundo o pesquisador, as classes econômicas seriam aproximadas se houvesse igualdade quanto à educação e à ciência. E mais, as questões levantadas pelo texto são exemplos da crise que passa o chamado paradigma da modernidade, que, diante da incerteza em identificar um paradigma no contexto das ciências sociais, procura caminhos na busca de um paradigma hegemônico.

O segundo artigo da obra, A crise dos paradigmas e a crise do conceito de paradigma, é de autoria de Plastino e aborda a crise do conceito de paradigma. Ele questiona a superação do paradigma da ciência moderna, que se preocupa com a especialização das disciplinas científicas e sua desvinculação com as questões sociais, culturais e econômicas. As ciências da natureza e a física abandonaram essa perspectiva iluminista e racionalista de construção do conhecimento, pois não sustentam mais a compreensão do mundo limitados a uma produção científica descontextualizada.

Para Plastino, a crise dos paradigmas no campo das ciências sociais precisa ser analisada sob a ótica de duas linhas de abordagem. A primeira, sob o ponto de vista do pensamento liberal, enuncia que as ciências sociais têm sua base teórica centrada no indivíduo, com características a-históricas, desvinculadas de uma prática social. Essa ciência assume um cientificismo com o objetivo de coletar dados sobre o homem e o seu comportamento. A segunda postula que produção científica, sob o ponto de vista da teoria marxista, não concebe a constituição de uma ciência a partir de dados da natureza, mas sim a concepção de uma ciência com uma dimensão social e histórica, fruto das relações sociais estabelecidas pelo homem. Segundo Plastino (p. 39), “...depois de Marx, é impossível fazer qualquer análise social sem levar em consideração as relações existentes entre a reprodução da vida material e qualquer outro fenômeno social”.

O surgimento dos paradigmas científicos das ciências naturais da modernidade constituiu um traço marcante nas ciências sociais, que foi a constituição de produções científicas desvinculadas do contexto social e, também, sua inclinação à especialização. Esses aspectos contribuíram para o empobrecimento do potencial crítico e ético do trabalho científico. Em virtude disso, faz-se necessário discutir a crise dos paradigmas sociais, pois a neutralidade das ciências acaba por contribuir com uma reprodução alienada e a construção de um conhecimento a-histórico, incapaz de reproduzir a realidade social. É necessário resgatar a dimensão ética e política das ciências sociais, entender que o saber científico não é neutro, mas sim reflexo das escolhas dos cientistas.

Neves é autora do terceiro artigo a integrar a obra organizada por Brandão, *A crise dos paradigmas em educação na óptica da psicologia*. Ela desenvolve suas reflexões sobre a crise de paradigmas na psicologia e na educação. Segundo a autora (p. 49), o conceito de paradigma pode ser “tomado como um modelo a ser seguido, como, em virtude da validação consensual que se faz em torno dele, também é o conjunto de crenças e práticas partilhadas por um grupo”. No entanto, este modelo entra em crise quando acontecem mudanças ou questionamentos quanto à validação destas certezas até então aceitas. No campo da psicologia, este vazio está ligado ao medo e à incerteza do novo, pois diante do desconhecido, o homem se sente despreparado e inseguro.

A busca de possíveis soluções para esse conflito seria a fundamentação epistemológica do seu saber, com uma fundamentação teórica capaz de solidificar este saber com a legitimidade de quem conhece e se apropriou dele. Também se pode resolver esse conflito com a busca de conhecimento crítico, capaz de fazer a análise dos paradigmas que ora estão se instaurando frente aos anteriores. Mas, para isso, é preciso que este sujeito individual busque um canal de comunicação com outros sujeitos, com quem ele irá partilhar suas reflexões e efetivar o processo transferencial de suas representações. Esse processo é imprescindível para a construção de um sujeito social.

A contribuição da Psicanálise à Educação reside na análise da relação professor/aluno. Essa relação pode ser vista da seguinte forma: o aluno vê o professor como “sujeito do saber” (p. 54), mas espera que este não se coloque numa situação de superioridade, detentor único do saber, mas sim como alguém que possa compreendê-lo e partilhar a construção do seu saber.

A relação distanciada entre quem ensina e quem aprende acaba por criar barreiras na relação professor/aluno, dificultando o processo de construção do conhecimento. Segundo Neves, a relação professor/aluno deve se constituir num processo dialógico, no qual ambas as partes devem se esforçar para que o saber assuma uma efetiva transferência.

Garcia, quarto autor da obra, inicia seu artigo Paradigmas em crise e a educação, questionando se a chamada crise de paradigmas afeta ou não a educação. Ele define a educação como o conhecimento que está ligado à formação do homem, orientado por um paradigma. Quando este paradigma entra em crise, a educação se depara com a incerteza, pois as verdades até então tidas como norteadoras, já não são tão certas. Diante das incertezas é preciso reaprender, encontrar caminhos que possam orientar na formação do homem. Esta escolha exige uma opção, pois os caminhos são diversos, fazendo com que o homem seja criativo e ousado ao traçar seus projetos.

Neste universo de incertezas, a educação tem um papel fundamental. Ela pode servir de reprodutora do modelo que está posto ou como elemento de reflexão crítica sobre ele. Não se trata de escolher um lado ou outro, mas sim de procurar estabelecer, através de processos educativos, a construção de uma sociedade mais igualitária e solidária, na qual as diferenças possam conviver em harmonia. A construção desta sociedade mais justa, requer a busca de soluções coletivas, pois é o somatório das forças que possibilita a construção.

Já Mendonça, no quinto artigo da obra resenhada, A história da educação face à “crise dos paradigmas”, propõe-se a refletir sobre o impacto da crise dos paradigmas na História da Educação. Os trabalhos feitos no campo da História da Educação têm recebido críticas no que se refere aos avanços da pesquisa histórica, decorrentes da chamada crise de paradigmas. A chamada “Nova História” aparece como uma vertente no campo da História da Educação. Este novo tipo de história propõe uma ampliação do objeto de estudo da história e uma nova forma de estudar o fato histórico, que passa a ser construído no decorrer da pesquisa. Esta nova compreensão do conhecimento histórico requer um redimensionamento do papel da teoria na pesquisa histórica e a sua relação entre o passado e o presente.

No campo da História da Educação no Brasil, tem-se empregado comumente a “contextualização”, no campo educativo, como uma justaposição de dados, desvinculados da realidade educacional. Essa abordagem contribui para uma análise superficial que desconsidera o

contexto histórico onde as ideias foram concebidas. A superação desta concepção reducionista de produção na área da História da Educação requer a utilização de uma abordagem dialética, permitindo assim, uma melhor relação entre o papel da teoria e o papel da hipótese.

O objetivo de Dauster, , no último artigo da obra, *Navegando contra a corrente?* O educador, o antropólogo e o relativismo, é traçar algumas comparações entre os campos da Educação e da Antropologia e as possíveis relações entre eles. No campo da educação, o papel do educador e do educando é constituído em função do padrão social existente. O contexto social que esses se encontram inseridos será determinante na constituição de suas funções. Consequentemente, a prática e o cotidiano pedagógico estarão impregnados dessa realidade social.

Diante desta interpretação dos fenômenos educacionais e da chamada crise dos paradigmas nas ciências sociais, a autora problematiza sobre a aproximação entre educadores e antropólogos. A antropologia, no contexto da educação, teria o papel de ampliar a visão do fenômeno educativo, conduzindo a uma interpretação contextualizada, valorizando a diversidade e a heterogeneidade cultural.

No campo da pesquisa, a antropologia contribuiria para que o pesquisador se preocupasse em abordar uma proposta teórica que privilegie a cultura e as práticas sociais, sem esquecer da “importância da apropriação da análise elaborada pelos atores/sujeitos investigados, com vistas a usos que lhes pareçam os mais pertinentes” (p. 85).

O posfácio dessa obra, escrito por Bonamino e Brandão , contém algumas reflexões sobre o seminário – a crise dos paradigmas – organizado pelo Departamento de Educação da PUC-RJ, que serviu de abertura do ano letivo de 1993. Os questionamentos sobre a crise dos paradigmas no campo de educação têm por objetivo repensar o próprio processo de produção de conhecimentos específicos deste campo. Segundo as autoras deste texto, repensar a identidade epistemológica do campo da educação evitaria alguns equívocos, tais como: “orientação da pesquisa, na aplicação de conhecimentos, nos âmbitos das políticas educativas, das estratégias didáticas e na avaliação de problemáticas específicas de aprendizagem” (p. 93).

O desafio no campo da educação, de trabalhar numa ótica multidisciplinar, contribui para superar a fragmentação dos conhecimentos científicos, condição expressa neste final de século, pelo chamado pós-modernismo.

O chamado período da modernidade coloca em questão duas grandes correntes teóricas: o liberalismo e o marxismo. Estas correntes têm-se mostrado incapazes de equacionar as questões relacionadas à escola, dentro de uma perspectiva social, que busca a construção de uma sociedade democrática. Diante desta “crise dos ou de paradigmas”, a escola tem o desafio de encontrar caminhos que possibilitem trabalhar dentro de uma perspectiva político-social, capaz de fazer a relação escola-sociedade, com a permanente busca da construção da democracia. Valorizar as experiências culturais e o equilíbrio entre as diferenças é o desafio permanente que a escola tem que enfrentar, para elaboração de um projeto pedagógico democrático, que contemple a construção do conhecimento de cada indivíduo.

Percebe-se, no decorrer desta obra, que a questão norteadora das discussões de todos os artigos, está direcionada no sentido de abordar a problemática da crise de paradigmas e seus reflexos no campo da educação. Fazendo referência, entre outros, a Marx, Engels e Habermas, os autores utilizam um discurso crítico, com o objetivo de fazer algumas reflexões sobre o momento de repensar uma proposta de política para a educação, que contemple o desafio de viabilizar alternativas às questões que afetam a escola.

É uma obra de suma importância para os profissionais da educação, pois levanta uma série de debates acerca da crise de paradigmas que passa a educação e, também, contribui para a construção do embasamento teórico que constitui o campo pedagógico.

A leitura desse livro leva à compreensão de que o desenvolvimento das práticas pedagógicas é ancorado pelo paradigma que dá sustentação à sociedade da qual essas práticas fazem parte. Cada educador tem sua prática pedagógica fundamentada dentro de uma concepção em que ele acredita e que traz sua visão de mundo. Esta concepção irá nortear o trabalho do professor e contribuirá ou não para a formação de um educando capaz de construir e reconstruir sua história. Entendemos que repensar a escola é preciso. É necessário ter projetos, inovar, propor mudanças, ousar, comprometer-se e desejar. Para tanto, é importante que cada educador reflita sobre sua prática, procure indagar-se sobre o tipo de homem que quer formar e que tipo de sociedade quer ajudar a construir.